

EIXO TEMÁTICO 7 | DIREITOS HUMANOS, VIOLÊNCIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A PROBLEMÁTICA CULTURAL: a relação entre a erva mate e os Guaranis/Kaiowá no pós-guerra do Paraguai

ECONOMIC DEVELOPMENT AND CULTURAL ISSUES: The relationship between mate tea and the Guaranis/Kaiowá people in post-war Paraguay

Mateus Nolasco da Silva¹
Claudia Vera da Silveira²

RESUMO

Este estudo analisa a interação entre os povos Guarani/Kaiowá e as mudanças econômicas, culturais e políticas no sul do Mato Grosso do Sul, com foco no impacto da exploração da erva mate. Após a Guerra do Paraguai, o território tradicional dos Guaranis/Kaiowá foi alterado e suas terras declaradas devolutas, sendo intensamente exploradas pela Companhia Matte Laranjeira. A pesquisa revisou a produção científica sobre o impacto socioeconômico e cultural dessa exploração, especialmente na vida dos indígenas. Os resultados mostram como a exploração da erva mate, juntamente com políticas de colonização e migração, afetaram profundamente as comunidades Guaranis/Kaiowá, resultando em expropriação e marginalização. A política de ocupação territorial, como “uma oportunidade para o desenvolvimento” também causou devastação ambiental, transformando áreas naturais em campos agrícolas e de criação de gado.

Palavras-chaves: Erva mate. Indígenas. Terras devolutas. Guerra do Paraguai.

ABSTRACT

This study analyzes the interaction between the Guaranis/Kaiowá people and the economic, cultural and political changes in the south of Mato Grosso do Sul, focusing on the impact of the exploitation of yerba mate. After the Paraguayan War, the traditional territory of the

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (PPGDRS) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: nolascomateus08@gmail.com

2 Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (PPGDRS) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: claudiaveradasilveira@gmail.com

Guarani/Kaiowá was altered and their lands declared vacant, being intensely explored by the Matte Laranjeira Company. The research reviewed scientific production on the socioeconomic and cultural impact of this exploration, especially on the lives of indigenous people. The results show how the exploitation of yerba mate, along with colonization and migration policies, profoundly affected the Guarani/Kaiowá communities, resulting in expropriation and marginalization. The territorial occupation policy, as “an opportunity for development” also caused environmental devastation, transforming natural areas into agricultural and livestock fields.

Keywords: Yerba mate. Indigenous. Unclaimed lands. Paraguayan War.

1 INTRODUÇÃO

A história do sul do Mato Grosso do Sul é marcada pela presença dos povos originários Guarani/Kaiowá, e por muito tempo, estas terras foram consideradas “vazias” ou terras devolutas (terras de ninguém) calando toda a história ancestral deste povo aqui habitava. Este estudo busca explorar as dinâmicas históricas, culturais e econômicas que moldaram a região, no contexto da exploração da erva mate e as consequências dessa exploração para as comunidades indígenas e o ambiente.

A análise deste tema é importante para entender como as interações entre diferentes grupos, políticas de terra e práticas econômicas influenciaram a configuração social e ambiental da região. A problematização deste tema surge da necessidade de compreender as diversas camadas de impacto que a exploração da erva mate, a migração e as políticas de colonização tiveram sobre as comunidades indígenas e o desenvolvimento do sul do Mato Grosso do Sul.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a produção científica sobre o impacto socioeconômico e cultural da exploração da erva mate no sul do Mato Grosso do Sul na vivência dos povos Guarani/Kaiowá. De modo específico, busca-se: a) Identificar as publicações que convergem com o tema. b) Reconhecer os principais teóricos que são referência no tema, destacando suas contribuições. c) Analisar os diferentes discursos sobre o tema.

A estratégia metodológica adotada para esta pesquisa consistiu em uma revisão de literatura, realizada através de uma busca sistemática no Portal de Periódicos da CAPES e Google Acadêmico. Utilizando palavras-chave como "erva mate", "Guarani/Kaiowá", "Mato Grosso do Sul", e "ciclo da erva mate", foi feito um levantamento inicial de textos.

Dentre os resultados obtidos, aplicou-se um filtro baseado em critérios como relevância, autores de referência reconhecida e pertinência ao tema para selecionar um conjunto de publicações. Este processo envolveu a análise de resumos e a avaliação da contribuição de cada texto para os objetivos específicos do estudo, permitindo uma compreensão abrangente e

detalhada da temática em questão.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E CULTURAL DOS KAIOWÁ/GUARANI E O ESTADO DE MATO GROSSO

BRAND (2016) comenta que os Kaiowá/Guarani ocupavam originalmente uma vasta área de aproximadamente 40 mil km², estendendo-se do norte dos rios Apa e Dourados até o Sul na Serra de Maracaju e os afluentes do rio Jejuí. Este território, chamado *ñande retã* (nosso território), onde existiam aldeias Guarani/Kaiowá compostas por complexos de casas, roças e matas, mantendo características socioeconômico-político-religiosas específicas, foi posteriormente cortado pela fronteira Brasil/Paraguai.

A poesia "Povos Originários" de Pereira (2023) reflete sobre o momento histórico da ocupação das terras do sul do Mato Grosso, e sobre as transformações enfrentadas pelos povos indígenas, especificamente os Guarani/Kaiowá, em meio às mudanças ambientais e sociais provocadas pela expansão econômica ligadas a exploração da erva mate, pecuária e mais recentemente a agricultura.

[...]

*Kerana das lendas, contava a tradição,
De um povo forte, com paz no coração.
Mas as fazendas cresceram, o gado a pastar,
Os campos verdes, começaram a mudar.*

*Ka'a era o mate que fazia brilhar,
E nas fogueiras, história a contar.
Mas o "avati", já não era mais rei,
Pois a soja e o boi, se tornaram de lei.*

*Ainda assim em Amambai se ouve dizer,
Que os ecos dos Guaranis, nunca vai morrer.
Pois nas estrelas, e no canto do sabiá,
A história vive e sempre viverá
[...] (PEREIRA, 2023, p. 19-20)*

Este território era caracterizado por uma rica diversidade ambiental, com matas e córregos que eram essenciais para a subsistência e cultura dos Kaiowá/Guarani. Os ervais nativos se entendiam por toda esta região.

Logo após a Guerra do Paraguai, aos indígenas da região foram demarcadas oito reservas³ a fim de delimitarem as áreas indígenas, e também, permitirem venda, ocupação e

3 Com o termo "reserva" designo as oito extensões de terra demarcadas pelo governo brasileiro entre os anos de 1915 a 1928 sem ter em conta, em vários casos, critérios antropológicos. Estas reservas tornaram-se áreas de confinamento compulsório da população Kaiowá/Guarani (BRAND, 2016, p. 21).

exploração das então consideradas terras devolutas (terras sem dono), conforme nos lembra Eremites de Oliveira (2015):

Art. 12. O Governo reservará das terras devolutas as que julgar necessárias: **1º, para a colonização dos indígenas**; 2º, para a fundação de povoações, abertura de estradas, e quaisquer outras servidões, e assento de estabelecimentos públicos; 3º, para a construção naval (BRASIL, 1850, citado por EREMITES DE OLIVEIRA, 2015, p. 298. Grifos do autor.)

A Lei de Terras de 1850 foi um marco legal no Brasil que regulamentava a posse e a propriedade de terras. Seu principal objetivo era organizar a propriedade territorial no país, principalmente após a abolição do tráfico de escravos. O Artigo n.12, tratava especificamente da destinação de áreas para os povos indígenas. Este artigo reconhecia, em teoria, a necessidade de garantir terras para as comunidades indígenas. As comunidades Guarani/Kaiowá, embora ocupassem um vasto território tradicionalmente, não possuíam títulos formais de propriedade dessas terras. Esta falta de documentação formal o ponto que afetou o reconhecimento dos seus direitos territoriais. Sem o reconhecimento formal das terras, o Estado brasileiro as declarou como devolutas. Isso abriu caminho para que o governo arrendasse, vendesse ou transferisse essas terras a terceiros, o que levou à usurpação e exploração dessas áreas.

A exploração dos ervais nativos na região, uma atividade econômica lucrativa, exacerbou a situação, pois aumentou o interesse de terceiros nas terras tradicionalmente ocupadas pelos Guarani/Kaiowá.

Posteriormente, nos primeiros momentos da República, muitas terras devolutas foram transferidas para o governo de Mato Grosso. Este, por sua vez, apoderando-se de grandes extensões e desconsiderando a mencionada norma, seguiu repassando territórios indígenas a terceiros. **Quando os novos proprietários ou seus sucessores tomaram posse das terras, muitos promoveram esbulho contra os nativos e posseiros pobres não índios que ali viviam.** Isso ocorreu com mais frequência após a estruturação das fazendas, quer dizer, posteriormente à exploração do trabalho indígena na derrubada da mata, formação de pastagens, abertura de estradas etc. **Não raramente as expulsões contavam com a ação de jagunços e até mesmo com o protagonismo de agentes do Estado nacional: forças policiais, servidores da agência indigenista oficial** (EREMITES DE OLIVEIRA, 2015, p. 298. Grifos nossos.).

Contudo, a aldeia, o *tekoha*⁴ Guarani/Kaiowá foi sistematicamente sendo destruído e a

4 [...] o tekoha é um espaço “preche de significados. Fora dos limites do seu tekoha, sim, tudo está repleto de vazios, não há vida Guarani”. Para além deste tekoha estaria apenas “um lugar da imortalidade, a chamada Terra

região sul do Estado do Mato Grosso que compreendia “entre o rio Paraná, Paraguai, fronteira do Paraguai e o rio Pardo foi, durante cerca de meio século, entre 1890-1940, palco da ação da Cia Matte Laranjeira arrendatária dos terrenos devolutos e ervais nativos ali existentes” (ARRUDA, 1997, p. 17)

Este breve panorama histórico revela a complexa e trágica interação entre os povos Guarani/Kaiowá e as forças econômicas e políticas que moldaram o sul do Mato Grosso do Sul. A expulsão dos indígenas de suas terras tradicionais, deslocou essas comunidades, e também, desestruturou profundamente suas práticas culturais e sociais. A exploração dos ervais nativos, um recurso vital para os Guarani/Kaiowá, tornou-se um símbolo da invasão e exploração de seu território. Este cenário é uma fase da história econômica da região: a ascensão e o impacto da indústria da erva mate empreendido pela Cia Matte Laranjeira.

2.1 A exploração da erva-mate no pós-Guerra do Paraguai

O sul do Estado do Mato Grosso tinha por vegetação vários ervais nativos. A exploração da erva mate, recurso natural abundante e economicamente valioso, não apenas moldou a economia local, mas também teve implicações significativas para as comunidades indígenas e a dinâmica social da região.

FERREIRA (2009) fala que após o término da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) ocorreu a demarcação da fronteira entre o Brasil e o Paraguai. As mudanças territoriais e políticas foram significativas para a região. Instituiu-se uma Comissão de Limites para demarcar a fronteira entre o Brasil e o Paraguai e estabelecer limites claros para evitar futuros conflitos. Esta comissão percorreu a região habitada pelos povos Guarani/Kaiowá, no sul do Mato Grosso. A demarcação foi concluída em 1874. Thomaz Laranjeira era o responsável pelo fornecimento de alimentação à expedição. Enquanto a comissão realizava as demarcações, Thomaz Laranjeira avaliava as possibilidades econômicas, identificando oportunidades de exploração da exploração da erva mate.

Guillen (1991) comenta sobre a formação da parceria comercial entre Thomaz Laranjeira e Francisco Mendes. Os dois que estiveram envolvidos na Comissão de Limites após a Guerra do Paraguai. Esta parceria estava focada na exploração e comercialização da erva mate,

sem Mal - yvy marã ey, espaço onde a condição humana é abandonada, para que, no homem, possa realizar-se a condição de um deus”. MELIÁ (1989b: 495, citado por, BRAND, 2016, p. 23)

um produto de grande importância, na época. A parceria representou o desenvolvimento do comércio de erva mate ao simbolizar a integração econômica entre Brasil e Argentina. Esta dinâmica refletiu na economia e cultura da região sul do Mato Grosso.

Após a conclusão dos trabalhos de demarcação da fronteira entre o Brasil e o Paraguai, Thomaz Laranjeira estabeleceu uma fazenda de gado no Mato Grosso. Em 1877, ele iniciou a exploração da erva-mate, inicialmente no lado paraguaio da fronteira, enquanto aguardava a regularização da situação no Brasil. Posteriormente, em 9 de dezembro de 1882, Thomaz Laranjeira obteve uma concessão legal pelo Decreto Imperial nº 8799, tornando-se o primeiro concessionário autorizado para a exploração da erva-mate nativa no Brasil. Esta concessão foi concedida por um período inicial de 10 anos.

É concedida a Thomaz Laranjeira permissão por 10 anos para colher mate nos ervais existentes nos limites da Província de Mato Grosso com a Republica do Paraguay, no perímetro compreendido pelos morros do Rincão e as cabeceiras do Igatey, ou entre os rios Amambay e Verde, e pela linha que desses pontos for levada para o interior, na extensão de 40 kilometros (Decreto nº 8799 de 9 de dezembro de 1882). [legislação sobre o mate de 1833 a 1935, p. 13] Instituto Nacional do Mate – INM. Arquivo Nacional – Rio de Janeiro. (JESUS, 2004, p. 30).

Ferreira (2009) lembra que este decreto permitia aos moradores locais que também explorassem o produto, o que despertou interesse de várias pessoas da região. Assim o Decreto de 1882, passou a regular a exploração dos ervais, não permitindo que novos exploradores viessem de fora para se estabelecerem na região, além de citar a importância da preservação dos ervais nativos.

Guillen (1991) acentua que após a Revolução de 1892, a erva mate segue sendo a principal atividade econômica na região, e a família Murtinho promove a tentativa de exploração da erva mate em uma região até então inacessível ao sul do Rio Iguatemi. Com o passar dos anos, a área de concessão vai sendo constantemente ampliada.

A Cia. chegou a arrendar no início do século cerca de 5.000.000 ha de terras e empregando milhares de trabalhadores, a maioria procedente do Paraguai. Na década de 30, a Matte ainda mantinha arrendada uma área aproximada de 2.000.000 de hectares de terras devolutas. Sua sede central no Mato Grosso era Campanario, pequena "cidade" construída pela empresa no centro do planalto de Amambaí, no início da década de 20. Possuía eletricidade, hotel, fábrica de gelo, telefone, etc. Contava com aproximadamente 2.000 moradores. Uma das características desta atividade, o arrendamento de terras devolutas, fez com que até o início da década de 40 uma grande extensão de terras permanecesse inacessível à apropriação como propriedade individual e "vazia" de elementos estranhos à Companhia. (ARRUDA, 1997, p.17)

Enquanto a influência política e os interesses da Companhia Matte Laranjeira se confundiam, o monopólio e o latifúndio eram absolutos.

[...] desta forma, através do Decreto nº 520, de 23/06/1890, a Companhia amplia os limites de suas posses e consegue o monopólio na exploração da erva-mate em toda a região abrangida pelo arrendamento. Finalmente, através da Resolução nº 103, de 15/07/1895, ela obtém a maior área arrendada, tendo ultrapassado os 5.000.000 ha, tornando-se um dos maiores arrendamentos de terras devolutas do regime republicano em todo o Brasil para um grupo particular. (ARRUDA, 1986, p. 218).

As oposições à Companhia começam no ano de 1912, mas ela segue em franca expansão atingindo seu auge no ano de 1920 permanecendo como empresa dominante até o ano de 1943, quando criou-se o território de Ponta Porã e os direitos da Companhia Matte Laranjeira se extinguiram.

O domínio da Companhia Matte Larangeira encontra oposição a partir de 1912, quando tratava de renovar os arrendamentos. Mesmo assim, atinge seu auge em 1920, logrando renovar o arrendamento sobre um total de 1.440.000 hectares, através da Lei nº 725, de 24 de setembro de 1915. Porém, a mesma lei liberou a venda de até dois lotes de 3.600 ha a terceiros, atingindo o monopólio da mesma Companhia. Em 1916, devido a esse decreto, quebrou-se o monopólio da Companhia Matte Larangeira, embora seu domínio tenha permanecido até 1943, ano em que o Presidente da República, Getúlio Vargas, criou o Território de Ponta Porã e anulou os direitos da Companhia (FERREIRA, 2009, p. 110).

A história da exploração da erva mate no sul do Mato Grosso é marcada pela presença da Companhia Matte Laranjeira e reflete um período importante do desenvolvimento econômico e social da região. Desde a concessão inicial a Thomaz Larangeira em 1882, que permitia a colheita de mate em uma extensa área de ervais nativos, até a expansão e o monopólio da Companhia Matte Larangeira, a exploração da erva mate moldou profundamente a paisagem econômica e cultural do sul do Mato Grosso, principalmente para os povos originários habitantes destas terras. Este capítulo da história brasileira destaca a importância econômica da erva mate, mas também revela as complexas dinâmicas de poder, a influência das políticas de terras e os impactos sobre as comunidades indígenas, marcando um período de intensa mudança na região.

2.2 Os espaços “vazios” e a “Marcha para o Oeste”

A política de colonização conhecida como "Marcha para Oeste", implementada durante o Estado Novo no Brasil, sob a liderança de Getúlio Vargas, representou a relação de ocupação, com discurso voltado ao desenvolvimento do interior brasileiro. Este movimento visava a expansão territorial e econômica para as áreas consideradas "vazias" no interior do país, incluindo a região sul do Mato Grosso, que era dominada pela Companhia Matte Larangeira na exploração da erva-mate.

Quanto a população ali existente Arruda (1997) cita Nelson Werneck Sodr e e o que se escrevia sobre os Guarani/Kaiow a:

Versões que foram reafirmadas por Nelson Werneck Sodr e (1941: 10/12) enfatizando a existência de **uma "popula o estranha" e sem história**: "desconhecido e complexo, quer na sua geografia, quer na sua história, quer na sua organiza o social. O Oeste brasileiro permanece uma incógnita (...) [Ali morava] **uma popula o estranha, de todas as origens, gente sem história, impulsionada pela fuga   autoridade**". (ARRUDA, 1997, p. 18. Grifos nossos.)

Mesmo assim, os indígenas era funcionários da Companhia Matte Larangeira e também trabalhavam nas fazendas de gado que aos poucos começavam a surgir.

As concessões feitas   Companhia Matte Larangeira atingiram de maneira incisiva o território dos Kaiow a e Guarani, e sua atua o tem sido largamente comentada por diversos indígenas. Ubaldo Castelan, da Reserva Sassor , localizada no município de Tacuru, referindo-se   região antes de 1928, afirma: "**aqui tudo   só empresa mesmo, trabalha ervateiro**" (FERREIRA, 2009, p. 110. Grifo nosso.)

Fica destacada a complexidade e as consequências da expansão econômica no Oeste brasileiro, especialmente a influência da Companhia Matte Larangeira na vida e no território dos povos indígenas. Neste sentido, Arruda (1997) ilustra como a região, antes caracterizada por sua diversidade e isolamento, foi transformada pela atividade econômica intensiva e pela chegada de novos grupos populacionais.

2.3 A chegada dos gaúchos

O conflito entre a política de promo o da pequena propriedade, discurso da "Marcha para Oeste" e a estrutura de grandes arrendamentos de terras da Companhia Matte Laranjeira,

ficam aparentes com a proibição de grandes arrendamentos em áreas de fronteira pela Constituição de 1937. No entanto, a companhia continuou ocupando as terras por meio de um decreto do interventor do Estado. Em resposta, a Companhia intensificou a narrativa desenvolvimento, progresso e civilização da região. Inclusive, produziu um documentário exibido em Campo Grande em 1938.

Os contratos de arrendamento expiraram em 1936 e a empresa continuava ocupando provisoriamente as terras devolutas, por decreto do interventor do Estado. A Companhia retomou então, o discurso sobre sua contribuição para o "progresso" e a "civilização" dessa região. Patrocinou a visita e a divulgação de depoimentos de personalidades como Saldanha Marinho, Ministro da Aeronáutica; jornalista Assis Chateaubriand e, em 1941, o próprio Getúlio Vargas. Produziu ainda, um documentário cinematográfico sobre os "Empreendimentos da Cia Matte Laranjeira", no qual anunciava os "serviços e empreendimentos da Companhia" que foi exibido pelo menos em Campo Grande em 23.01.1938. (Ver JCM, 23/01/1938, citado por ARRUDA, 1997, p. 23).

Contudo, Ferreira (2009) relembra que entre 1891 e 1895, o Estado do Rio Grande do Sul foi palco sangrentas lutas políticas, e da Revolução Federalista. Após o fim do conflito, muitos dos derrotados buscaram refúgio em outros locais. Aproximadamente cerca de 10.000 gaúchos, emigraram para o Mato Grosso. Esses migrantes viam a região do Mato Grosso como uma "Nova Querência", um novo lar ou refúgio.

Arruda (1997, p. 49) delineia que enquanto a Cia Matte Laranjeira passa a assumir a infraestrutura do sul do Mato Grosso, administrando portos, estradas e meios de transportes, "O pano de fundo entre esses migrantes e a empresa foi a disputa pela posse da terra e sua forma de utilização, o que significava dizer, a reorganização do espaço ocupado [...]".

Diferentemente dos gaúchos, que migraram em grande número para o Mato Grosso após a Revolução Federalista, os mineiros e outros migrantes eram vistos como menos ameaçadores, por serem menos numerosos e terem aspirações consideradas menos ambiciosas. Paralelamente, a situação econômica do Paraguai no pós-guerra levou a um aumento da migração de paraguaios para o Brasil, em busca de trabalho, acolhidos na indústria da erva mate. Cimó e Salsa Corrêa criticam a noção de que as terras do sul eram "desertas", argumentando que, na realidade, o processo de ocupação da região foi marcado pela expropriação de terras de comunidades indígenas já estabelecidas, desafiando a narrativa tradicional da historiografia mato-grossense que enfatizava o "desbravamento" e o "vazio" da região. (CORRÊA, 1999, p. 92).

ROA (et al., 2008) resume que a erva-mate, planta de importância econômica e cultural profundamente entrelaçada na história das etnias Guarani/Kaiowá. Espécie nativa da região sul do Mato Grosso do Sul, foi intensamente explorada no pós-Guerra do Paraguai. Devido a demarcação de terras indígenas em pequenas reservas, houve uma significativa redução da vegetação natural, levando quase ao esgotamento desse recurso natural. O extrativismo da erva-mate foi a única atividade econômica na região, particularmente durante o Ciclo da erva mate, dominado pela Companhia Matte Laranjeira. A empresa perdeu seus benefícios durante o governo de Getúlio Vargas, que promoveu a "Marcha para o Oeste", incentivando a ocupação da região. Essa política resultou em uma intensa migração para o sul do Mato Grosso e consequente devastação das áreas de vegetação nativa para dar lugar a fazendas de gado e monoculturas agrícolas, reduzindo drasticamente as áreas produtoras de erva mate.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo alcançou seus objetivos ao analisar a produção científica sobre o impacto socioeconômico e cultural da exploração da erva-mate no sul do Mato Grosso do Sul, com foco na vivência dos povos Guarani/Kaiowá. A revisão de literatura permitiu identificar publicações relevantes, reconhecer teóricos de referência e analisar diferentes discursos sobre o tema. Foi possível compreender como a exploração da erva mate, as políticas de colonização e a migração influenciaram profundamente a configuração social, cultural e ambiental da região, afetando especialmente as comunidades indígenas Guarani/Kaiowá.

Este breve panorama do momento histórico do sul do Mato Grosso do Sul, de enfoque voltado para a relação entre a exploração da erva mate e a vivência dos povos Guarani/Kaiowá. Através da análise de fontes históricas, literárias e acadêmicas, foi possível compreender como as dinâmicas econômicas, culturais e políticas moldaram a região, destacando o impacto significativo da exploração da erva mate no desenvolvimento socioeconômico e na transformação do ambiente natural.

A presença e as atividades da Companhia Matte Laranjeira, emergiram como elementos centrais na configuração da região, tanto em termos econômicos quanto sociais. A concessão de terras para a exploração da erva mate, inicialmente vista como uma oportunidade de desenvolvimento, acabou por levar à expropriação e marginalização das comunidades indígenas Guarani/Kaiowá, cujas terras foram declaradas devolutas e posteriormente

arrendadas ou vendidas a terceiros. Este processo deslocou essas comunidades de suas terras ancestrais, e também, desestruturou profundamente suas práticas culturais e sociais.

A "Marcha para o Oeste", política de ocupação do território. Implementada pelo Estado Novo, representou uma tentativa de ocupar e desenvolver as áreas consideradas "vazias" na fronteira do Brasil com do Paraguai. Essa política, juntamente com a expansão da pecuária e da agricultura, resultou na devastação de vastas áreas de vegetação nativa, incluindo os ervais, fundamentais para a economia e cultura local. A chegada de novos migrantes, incluindo gaúchos e paraguaios, adicionou mais uma camada à dinâmica social e econômica da região.

A história do sul do Mato Grosso do Sul é uma narrativa de exploração e resistência, e transformações profundas principalmente para os povos originários que ao longo do tempo tiveram que buscar formas de resistência para manter sua cultura. Reflete-se como a exploração econômica e as políticas de terras impactou as comunidades indígenas. Este estudo destaca a necessidade de reconhecer e valorizar a história e a cultura dos povos Guarani/Kaiowá, bem como de refletir sobre as consequências de longo prazo das políticas de exploração de recursos naturais e de ocupação territorial.

Este estudo enfrentou limitações, principalmente relacionadas à disponibilidade e ao acesso a fontes primárias e dados mais específicos sobre as comunidades indígenas afetadas. A maior parte das informações disponíveis focava em aspectos gerais da exploração da erva mate e suas consequências econômicas, deixando lacunas sobre as vivências dos povos indígenas.

Para pesquisas futuras, sugere-se investigar as narrativas e memórias dos povos indígenas. Além de estudo comparativo com outras regiões afetadas por dinâmicas similares.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, G.. **Frutos da terra**: os trabalhadores da Mate Laranjeira. Londrina: Ed. UEL, 1997.

ARRUDA, G.. Heródoto. In: **Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul 1883-1947**. Campo Grande: Instituto Euvaldo Lodi, 1986. p. 195-310. (Coleção Histórica. Coletânea).

BRAND, A.. "Quando chegou esses que são nossos contrários" - a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/ Guarani no Mato Grosso do Sul. **Multitemas**, n. 12, jul. 2016.

CORRÊA, Valmir Batista. **Fronteira Oeste**. Campo Grande: 3. Ed. Editora UFMS, 1999.

EREMITES DE OLIVEIRA, J.; ESSELIN, P. M.. **Uma breve história (indígena) da erva-mate na**

região platina: da Província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 278-318, jul./dez. 2015.

FERREIRA, E. M. L.; BRAND, A.. Os Guarani e a erva mate. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 11, n. 19, p. 107-126, jan./jun. 2009.

GUILLEN, I. C. M.. **O imaginário do Sertão.** Lutas e resistências ao domínio da Companhia Matte Laranjeira (Mato Grosso: 1890-1945). Campinas: Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, 1991.

JESUS, L. C.. **Erva-mate:** o outro lado - a presença dos produtores independentes no antigo Sul de Mato Grosso 1870-1970. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação Mestrado em História, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados-MS. 2004.

PEREIRA, H. **Amambai:** tua história em versos. Dourados, MS: 1. Ed. Biblio Editora. 2023.

ROA, R. A. R.; COSTA, R. B.; BRAND, A. J.; MACIEL, J. C.; MARTINS W. J..Relações sociais e a erva-mate em terra indígena Kaiowá e Guarani. **Multitemas**, Campo Grande-MS, n. 36, p. 7-28, jun. 2008.